

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

LAURA DA CUNHA LOUZADA

**UMA LEITURA ALEGÓRICA DE *NÃO ME ABANDONE JAMAIS*, DE KAZUO  
ISHIGURO**

Porto Alegre  
2013

LAURA DA CUNHA LOUZADA

**UMA LEITURA ALEGÓRICA DE *NÃO ME ABANDONE JAMAIS*, DE KAZUO  
ISHIGURO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Ivana de Lima e Silva

Porto Alegre  
2013

LAURA DA CUNHA LOUZADA

**UMA LEITURA ALEGÓRICA DE *NÃO ME ABANDONE JAMAIS*, DE KAZUO  
ISHIGURO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa.

APROVADO EM:

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Márcia Ivana de Lima e Silva (orientadora)

---

Prof. Dr. Ian Alexander

---

Prof.<sup>a</sup>. Gabriela Farias da Silva

Conceito:

## RESUMO

O presente trabalho se propõe a realizar uma leitura alegórica do romance *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro. A proposta é de que o romance não se limita a uma história sobre clones, pois ele possibilita a discussão sobre diversos aspectos da condição humana como o impacto dos anos de formação, o poder da criatividade e a inevitabilidade da morte. A análise e a interpretação foram norteadas pelos conceitos teóricos de Flávio R. Kothe e de Mario Vargas Llosa.

Palavras-Chave: Kazuo Ishiguro; Literatura Inglesa; Literatura Contemporânea; Alegoria.

## ABSTRACT

The purpose of this paper is to do an allegorical interpretation of the novel *Never Let Me Go*, by Kazuo Ishiguro. The idea is that the novel is not restricted to a story about clones, because it enables discussion on various aspects of the human condition such as the impact of the formative years, the power of creativity and the inevitability of death. The analysis and the interpretation were guided by theoretical concepts by Flávio R. Kothe and by Mario Vargas Llosa.

Keywords: Kazuo Ishiguro, English Literature, Contemporary Literature; Allegory.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>  | <b>9</b>  |
| <b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>                                  | <b>11</b> |
| 1.1. A LITERATURA E A VIDA                                       | 11        |
| 1.2. O CONCEITO DE ALEGORIA                                      | 12        |
| <b>2. UMA LEITURA ALEGÓRICA DE <i>NÃO ME ABANDONE JAMAIS</i></b> | <b>15</b> |
| 2.1. APRESENTAÇÃO DO ENREDO                                      | 15        |
| 2.2. OS ANOS DE FORMAÇÃO E O AUTOCONHECIMENTO                    | 17        |
| 2.3. O PODER DA CRIATIVIDADE                                     | 22        |
| 2.4. A REVOLTA E A ACEITAÇÃO                                     | 25        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                      | <b>30</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>   | <b>31</b> |
| <b>ANEXOS</b>  | <b>32</b> |

## INTRODUÇÃO

Kazuo Ishiguro, nascido no Japão, é um dos principais escritores de língua inglesa da atualidade. Assim como o polonês Joseph Conrad e o russo Vladimir Nabokov, Ishiguro se destacou escrevendo em língua inglesa, apesar de sua origem estrangeira. Morando na Inglaterra a partir dos cinco anos de idade, o escritor realizou sua formação em escolas e universidades inglesas. Porém, somente em 1982, após a publicação de seu primeiro romance *A Pale View From the Hills*, ele decide se tornar cidadão britânico.

Seus primeiros romances, *A Pale View From the Hills* e *An Artist of the Floating World*, apresentam uma maior ligação com a cultura japonesa. Porém, a partir do premiado *Os Resíduos do dia*, o escritor se volta para a Inglaterra e para a Europa. O seu terceiro romance tem como tema um aspecto extremamente britânico: a realidade de um mordomo. No entanto, Ishiguro não tem como objetivo escrever livros voltados para um nicho específico.

“Eu sou um escritor que deseja escrever romances internacionais. O que é um romance 'internacional'? Eu acredito que ele seja, simplesmente, um [romance] que contenha uma visão da vida que é importante para pessoas de diversas origens ao redor do mundo. Ele pode ser sobre personagens que viajam por todos os continentes, mas pode facilmente se passar em uma pequena localidade.” (ISHIGURO, s.d.)

Este desejo de Ishiguro se realiza com a publicação de *Não me abandone jamais*, em 2005, pois nele temos um romance sobre um trio de personagens em pequenas localidades da Inglaterra, porém a sua situação extremamente específica possui vários paralelos com a existência de todos nós. O romance foi muito bem recebido pela crítica. A revista *Time* o incluiu em uma lista “Os 100 melhores romances em inglês de 1923 a 2005” e o selecionou como livro do ano. O livro recebeu o prêmio *Alex Award* da *American Library Association* (ALA) e foi também selecionado como candidato ao *Booker Prize* de 2005, prêmio que o autor já havia ganhado em 1989 com *Os Resíduos do Dia*. Em 2010, a obra foi adaptada para o cinema por Mark Romanek.

Depois de receber tanta atenção da crítica, houve uma questão que permaneceu não respondida: como podemos classificar esta obra? Há uma miscelânea de propostas: romance de formação, romance distópico, ficção científica, romance especulativo. Assim, surgiu a ideia de realizar uma análise da obra com a leitura que parecia mais apropriada, a alegórica.

O romance é narrado em primeira pessoa pela personagem Kathy H. no final da década de noventa, em uma Inglaterra ficcional. Porém, o seu mundo se difere do nosso, pois Kathy é uma *cuidadora* esperando para se tornar *doadora*. Esse estranhamento está presente por grande parte da obra, pois somente na página 103 é revelado claramente que os

personagens não têm poder sobre a sua própria existência e foram criados para ser doadores de órgãos. Já a expressão *cuidador* se refere à função que eles terão de assistir outros *doadores* até se tornarem um. No entanto, o foco não é o sistema de produção de clones, nem a discussão ética ligada à prática médica. O narrador se dispõe a relatar suas memórias mais íntimas de amor e amizade com seus amigos de infância, Ruth e Tommy.

Desde minha primeira leitura, aquilo que mais se destacou na obra foi o enfoque nas relações humanas entre os clones. Assim, me parecia interessante analisar o que há de semelhante entre a nossa condição humana e a destes personagens, ao contrário de me voltar às distinções. A motivação para realizar o trabalho foi um vídeo em que o autor Kazuo Ishiguro expressa seus objetivos quando escrevia o livro, os quais iam ao encontro das minhas conclusões como leitora:

“Eu tenho que ser sincero, o meu objetivo foi sempre (...) contar uma história sobre como o amor e a amizade se encaixam na vida das pessoas, na verdade, principalmente quando eles começam a perceber que o tempo é curto e que a mortalidade era um fato. Eu estava sempre procurando por isso, uma espécie de metáfora, se quiser, para a existência humana, para a condição humana, o fato de que nossa existência é limitada. E então eu estava sempre procurando por isso.”  
(KAZUO..., 2010)

Assim, colocando em evidência o lado metafórico da obra, o autor confirmou as minhas expectativas como leitora, estimulando-me indiretamente a produzir este trabalho. Outro ponto importante foi a criação do filme baseado na obra, que foca no lado de ficção científica do livro que, segundo o autor, “era quase como a última coisa, era a última peça de um quebra-cabeça. Era quase como um dispositivo para fazer a coisa funcionar”. Levando em conta a minha visão inicial da obra e o relato do autor, esse trabalho se voltou para a leitura alegórica, considerando o quanto a obra se refere a nossa existência enquanto trata de clones.

É necessário ressaltar que no romance o termo “estudante” é mais frequente do que “clone”, no entanto, o segundo será o utilizado no trabalho por uma questão de clareza. O objetivo deste trabalho não é, em nenhum momento, discutir a questão prática sobre clonagem, nem especular sobre a natureza humana de clones. Aqui serão discutidos somente argumentos relativos ao mundo ficcional criado por Kazuo Ishiguro no romance *Não me abandone jamais*.

# 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1.1. A LITERATURA E A VIDA

Antes de iniciar a análise da obra de Ishiguro, é necessário discutir o impacto que a literatura tem sobre a vida das pessoas. Segundo Vargas Llosa, há uma concepção disseminada de que a literatura seria uma atividade prescindível, como um passatempo ligado à imaginação, para mulheres e jovens, em oposição às atividades sérias e úteis dos homens. Logo, cabe aos estudiosos da literatura a responsabilidade de difundir a importância dela no processo de formação do indivíduo. O escritor Vargas Llosa expõe suas ideias a respeito deste tema no texto “Literatura e Vida”

“Ler boa literatura é se divertir, sim; porém, também, aprender dessa maneira direta e intensa que é a da experiência vivida através das obras de ficção, o que e como somos em nossa integridade humana, com nossos atos e sonhos e fantasmas, separados ou na trama de relações que nos vinculam aos outros, em nossa presença pública e no secreto de nossa consciência, essa complexíssima suma de verdades contraditórias – como as chamava Isaiah Berlin – de que está feita a condição humana.” (LLOSA, 2007, p. 352-353).

Desse modo, a leitura de textos literários não se relaciona somente à ideia de diversão e passatempo, mas como uma das maneiras de refletir sobre a condição humana e o nosso lugar no mundo em relação ao outro. Outras áreas se dedicam a esse propósito, como a Psicologia, a Filosofia e a Sociologia; contudo, segundo Llosa, é a literatura que mais contribui para realização mais elevada da cultura: a criação desse sentimento de pertencer à coletividade humana. Porém, em outro momento, o autor deixa claro a existência de um paradoxo em relação aos efeitos da literatura:

“A boa literatura, na medida em que apazigua momentaneamente a insatisfação humana, incrementa-a, desenvolvendo uma sensibilidade crítica inconformista diante da vida, faz os seres humanos mais aptos para a infelicidade” (LLOSA, 2007, p. 362)

Assim, o que o autor considera “boa literatura” serve paradoxalmente para nos aquietar e para nos inquietar. Uma maneira de entender melhor esse poder da literatura é pensar no modo como *Não me abandone jamais* apresenta a ideia de que o amor e a amizade são inevitavelmente o centro da existência humana até do ponto de vista dos clones; porém, nos imaginando no lugar dos personagens não sentimos um alívio ao ver que passaremos pelas mesmas dificuldades – formar laços afetivos, aceitar o destino e a finitude da vida –, e sim um maior desconforto e desalento em frente a esse prognóstico.

Outro autor que se dedicou ao papel da literatura na vida das pessoas foi o escritor norte-americano David Foster Wallace. Ele cita um antigo professor dele que dizia “[...] o trabalho de uma boa obra de ficção é confortar os inquietos e inquietar os acomodados”<sup>1</sup> (MCCAFFERY, 1993) (tradução minha), separando assim as duas funções da literatura e simplificando o paradoxo descrito por Llosa. Em uma entrevista, Wallace distingue a literatura “séria” que ele produz – contemporânea, mas canônica – da literatura comercial. A leitura de literatura “mais difícil” é um tipo de atividade que requer mais trabalho, pois envolve ficar sozinho e quieto causando tédio e medo nas pessoas; no entanto, ela resulta em diversão e prazer, além de aprendizagem moral para aqueles que estão “treinados” para apreciá-la. No entanto, é a televisão que ocupa este lugar na vida das pessoas, sendo bem menos trabalhosa, mais anestésica e superficial, assim como menos gratificante. Segundo Wallace:

Eu acho que uma grande parte do propósito da ficção séria é dar ao leitor, que como todos nós está isolado em sua própria cabeça, dar a ele acesso a outros eus imaginativamente. Já que uma parte inescapável de ser um indivíduo é sofrer, parte do porque nós humanos chegamos à arte é uma experiência de sofrimento, necessariamente indireta, próxima de um tipo de “generalização” do sofrimento... Todos nós sofremos sozinhos no mundo real: a empatia verdadeira é impossível. Mas se uma obra de ficção pode nos permitir a identificação com a dor de um personagem através da imaginação, nós podemos então conceber outras pessoas se identificando com a nossa dor com mais facilidade. Isso nos nutre, nos redime; nós nos tornamos menos solitários interiormente. (MCCAFFERY, 1993) (tradução minha)

Logo, esta literatura séria possibilitaria que o leitor, imerso em si mesmo, se colocasse no lugar de um outro – o autor, o narrador ou o personagem -, identificando-se com ele e com seu sofrimento e, portanto, se sentindo menos sozinho. Assim, esses dois escritores, Mario Vargas Llosa e David Foster Wallace, auxiliam a embasar a ideia presente neste trabalho de que a literatura faz parte da vida das pessoas, assim como da maneira como elas constroem o mundo.

## 1.2. O CONCEITO DE ALEGORIA

Após discutir a visão de literatura que permeia este trabalho, partiremos para a conceitualização de um termo chave para seu desenvolvimento: a alegoria. Segundo Kothe (1986), “a alegoria costuma ser entendida como uma representação concreta de uma ideia abstrata”. O autor exemplifica o conceito com a representação artística da Justiça, uma ideia

---

<sup>1</sup> Texto no original: “[...] good fiction’s job was to comfort the disturbed and disturb the comfortable”

abstrata, como “uma mulher de olhos vendados, com uma espada na mão, a sustentar uma balança”. Nenhum dos elementos da imagem da Justiça pode passar despercebido, pois cada um tem seu significado: “os olhos vendados, a igualdade de todos perante a lei; a espada, a força de poder impor as decisões; a balança, o sopesar dos atos postos em julgamento”. Assim, a alegoria é uma maneira de o artista expressar a sua ideia abstrata de modo figurado.

No campo da linguagem e da literatura, a alegoria se aproxima de dois outros termos: a metáfora e a fábula. A metáfora estabelece “a relação de dois elementos concretos para expressar um significado abstrato”; já a fábula e a alegoria “expressam através de elementos concretos um significado abstrato”. O que diferencia a alegoria da metáfora é a sua extensão e o seu detalhamento; enquanto o que distingue a alegoria da fábula é que “a fábula é uma alegoria em forma de história curta e com conclusão moral (que pretende ser definitiva)”.

No livro *A arte da Ficção* estão agrupados diversos artigos de David Lodge sobre conceitos literários. Um dos artigos trata da alegoria, descrevendo-a como “uma forma especializada de narrativa simbólica, que não apenas sugere algo além de seu sentido literal, mas insiste em ser decodificada em outro sentido” (LODGE, 2011). Logo, surge um novo aspecto: há um estranhamento no texto alegórico que deixa o leitor desconfortável, levando-o à tentativa de decodificar o que está por trás da história contada.

A narrativa alegórica tem grandes representantes na literatura inglesa, como Jonathan Swift e George Orwell. A obra *As viagens de Gulliver*, de Swift, foi lida como uma história fantástica e um livro infantil, apesar de ser uma forte crítica aos governos europeus e à corrupção do homem. Já *A revolução dos bichos*, de Orwell, não passou por esse tratamento, possivelmente porque uma alegoria que denunciava as injustiças de um regime comunista totalitário era muito mais interessante e útil naquela época, do que a obra de Swift foi no século XVIII. Segundo Lodge,

“Como recurso ficcional de maior escopo, a alegoria é usada principalmente em fábulas didáticas e satíricas, como *As viagens de Gulliver* e *A revolução dos bichos*. Nessas obras-primas, o realismo superficial confere aos acontecimentos uma espécie de plausibilidade absurda, e o jogo das correspondências se desenrola com tanta astúcia e engenhosidade que não chega a se tornar previsível.” (LODGE, 2011, p. 52)

Então, o que as personagens da ilha de Lilliput têm em comum com os porcos exploradores da fazenda revolucionária dos animais? Ambas as obras às quais eles pertencem não estão tão desligadas da realidade como parecem em um primeiro momento. O lado fantástico e absurdo dessas obras nos impele a relacioná-las com a nossa realidade. Voltando para Kothe, temos que

“Por mais ficcional e fantasiosa que pareça e seja uma obra, ela é uma parte da realidade, da qual não escapa. Fora da realidade, a fantasia não tem sentido. Não dá para, simplesmente, contrapor a ficção à realidade; mas também não se pode confundir “realidade” com aquela aparência primeira que nos salta aos olhos. A fantasia é bem mais restrita, bem mais “pé-no-chão” do que se costuma imaginar. Entre o que ela nos diz “em relação” à realidade (...) e a “própria” realidade (...), há uma proximidade e uma similitude muito maiores com o processo de significação alegórica do que parece à primeira vista.” (KOTHE, 1986, p.14)

Podemos exemplificar a ideia de Kothe com a obra a ser analisada, *Não me abandone jamais*. Por mais que o autor distancie os personagens da nossa realidade, colocando-os em uma Inglaterra ficcional em que clones são criados para prolongar a vida dos seres humanos, essa fantasia está muito ligada a nossa “própria” realidade, pois também temos que aceitar a finitude da vida e a falta de controle que temos sobre ela.

Em relação à leitura alegórica, Kothe a descreve como uma estratégia para entender a estrutura profunda das obras. Desse modo, “a leitura alegórica levanta a saia da Justiça. Descobre a estruturação profunda do texto, um horizonte além do horizonte do texto. Descobre a realidade – e assume radical compromisso com a verdade” (KOTHE, 1986, p.76). E este é o objetivo da leitura e da interpretação realizadas neste estudo.

## 2. UMA LEITURA ALEGÓRICA DE *NÃO ME ABANDONE JAMAIS*

### 2.1. APRESENTAÇÃO DO ENREDO

O romance *Não me abandone jamais* conta a história de Kathy, Ruth e Tommy, desde a infância até o final de suas vidas, e se passa em uma Inglaterra ficcional, em 1990. Quanto à estrutura, o romance é dividido em três partes, sendo que, em cada uma delas, Kathy, a narradora em primeira pessoa, tenta organizar suas memórias em relação à infância, à adolescência e à fase adulta, respectivamente. Desse modo, a narradora, já adulta, avança e retrocede na história frequentemente, criando um quebra-cabeça com as suas recordações e as de seus amigos sobre o passado em comum.

Na primeira parte, Kathy relata a infância e a pré-adolescência com seus amigos em Hailsham, uma espécie de internato extremamente isolado. Como as crianças não têm pais, os guardiões são responsáveis pelo ensino e pelo cuidado dos estudantes, prezando a saúde e a criatividade insistentemente. Apesar de esses anos de formação serem idealizados por Kathy, eles também são uma fonte em sua investigação sobre como a vida acabou tomando o seu rumo atual.

Os estudantes viviam em uma oscilação entre curiosidade e negação de seu papel no mundo: o de doadores. Logo, o foco de suas vidas se volta para as amizades, os amores e a produção artística. O papel da arte e da criatividade na vida dos estudantes se revela com a importância da Galeria e das Permutas. A Galeria se refere a um lugar para onde iriam os melhores trabalhos artísticos selecionados pela misteriosa Madame; enquanto as Permutas eram eventos organizados na escola onde os estudantes poderiam trocar seus trabalhos por Vales-Permuta e “comprar” trabalhos de colegas.

Após este relato sobre as descobertas feitas nos primeiros anos, passamos para a segunda parte do romance. Nela, os estudantes já têm consciência de seu papel no mundo e trocam Hailsham pelo Casario. Este seria, teoricamente, um período de maior liberdade, porém ele não é suficientemente aproveitado devido ao medo que os jovens têm do mundo desconhecido.

Os estudantes de Hailsham são então misturados com jovens de outras instituições de clonagem, notando como eles foram privilegiados pelo tratamento que lá receberam. Nesse intervalo entre o fim da infância e a fase adulta, os jovens se dedicam a passatempos como a televisão, os livros e a arte, além de ficar à procura de seus possíveis, isto é, pessoas das quais eles podem ter sido clonados.

Com a dificuldade de lidar com a despedida para um futuro de doações, o trio acaba se afastando, Ruth e Tommy se separam, assim como Kathy briga com Ruth. Na terceira parte do romance, Kathy se volta para os acontecimentos mais próximos de sua fase adulta: seu trabalho como cuidadora e seu reencontro com Ruth e Tommy. Esta reaproximação tem um grande efeito sobre a vida dos três, pois Ruth se revela arrependida por se intrometer na relação entre os dois, encorajando-os a pedir um adiamento das doações de Tommy e Kathy, para que os dois tenham a oportunidade de viver o seu romance finalmente.

Contudo, apesar da tentativa do casal de convencer uma antiga guardiã, Miss Emily, Tommy e Kathy têm que encarar a impossibilidade de alterar o seu destino: nunca houve adiamentos para clones enamorados. Logo, Kathy continua como cuidadora de Tommy até a sua terceira doação, à qual ele não resiste. Chegamos então ao momento do início do livro, em que Kathy começa a contar a história de suas relações com Tommy e Ruth, já mortos, enquanto espera para realizar a transição entre cuidadora e doadora. O parágrafo abaixo apresenta um trecho do início do romance em que Kathy começa a contar a história de sua reaproximação com seus amigos, pois teve uma chance de escolher os doadores dos quais cuidaria.

“Cuidadores não são máquinas. Nós tentamos fazer o melhor possível para cada um dos doadores, mas no fim o serviço é exaustivo. Paciência e energia têm limite, e isso vale para todo mundo. De modo que quando surge a oportunidade de escolher, claro que você vai optar por pessoas semelhantes a você. Isso é natural. Eu não teria tido a menor condição de continuar fazendo o que faço durante o tanto tempo se porventura deixasse de nutrir sentimentos pelos meus doadores em cada uma das etapas percorridas. Além do mais se eu não tivesse obtido permissão de escolher, não poderia ter me reaproximado de Ruth e Tommy depois de tantos anos, não é mesmo?” (ISHIGURO, 2005, p.10)

Após a apresentação do enredo, podemos nos voltar para a análise dos aspectos alegóricos da obra *Não me abandone jamais*. Foram criados três tópicos para discutir a relação entre a história dos clones e a condição humana: os anos de formação e o autoconhecimento; o poder da criatividade (ou do amor); a revolta e a aceitação. O objetivo principal é destacar o quanto a experiência de Kathy se assemelha à nossa, apesar de a personagem estar contando a sua vida como um clone, um experimento científico com fins bem definidos.

## 2.2. OS ANOS DE FORMAÇÃO E O AUTOCONHECIMENTO

Nesta seção, o enfoque será dado a certos aspectos dos anos de formação de Kathy, Ruth, Tommy, e à sua relação com a experiência humana. O primeiro tema a ser analisado é a evasão no passado como forma de fugir das dificuldades da fase adulta. Kathy trabalhou como cuidadora por mais de onze anos, obtendo êxito na profissão; porém, ela precisa se voltar para o passado para resolver suas pendências, assim como se certificar de que suas memórias não são ilusões. Segue um trecho narrado por Kathy:

(...) e assim que a [Ruth] vi de novo, naquele centro de recuperação de Dover, nossas diferenças - ainda que não tivessem sumido do mapa - não me pareceram nem de longe tão importantes quanto tudo o mais: o fato de termos crescido juntas em Hailsham, o sabermos e nos lembrarmos de coisas que ninguém mais se lembrava. Foi dessa época em diante, imagino, que comecei a buscar nos doadores pessoas conhecidas no passado e, sempre que possível, de Hailsham. Houve épocas, no decorrer desses anos todos, em que tentei esquecer Hailsham e me convencer de que não seria bom ficar olhando tanto para trás. Porém num determinado momento simplesmente parei de resistir. (ISHIGURO, 2005, p. 11)

Um movimento pendular entre idealização e desmistificação resulta desta busca nostálgica de Kathy. A reconstituição dos anos em Hailsham é a única saída que ela encontra em face da inevitabilidade da morte. Assim, criando o relato, Kathy se abriga em suas memórias, o único lugar onde Ruth e Tommy continuam vivos.

Esta busca de Kathy do tempo perdido representa a tendência dos homens de se voltarem ao passado devido à imprevisibilidade do futuro e à inevitabilidade da morte, que será tratada na última seção. A escrita e o relato da experiência são uma maneira de permanecer vivo, ou de preservar-se mumificando a nossa consciência.

Na minha lembrança, a vida em Hailsham se divide em dois grandes nacos: a última fase e tudo que veio antes. Os primeiros anos - aqueles de que falei até agora - têm a tendência de se mesclar uns aos outros como uma espécie de época de ouro e, quando penso sobre eles, mesmo ao lembrar de coisas que não foram lá tão boas, não consigo evitar de sentir um certo arrebatamento. Porém os últimos anos me dão uma sensação diferente. Eles não foram exatamente infelizes - possuo uma série de lembranças que me são muito queridas -, mas foram mais sérios e, sob certos aspectos, mais sóbrios. Talvez seja um pouco de exagerado da minha parte, mas fico com a impressão de que tudo mudava muito depressa, naquele momento, com a mesma rapidez com que o dia se transformava em noite. (ISHIGURO, 2005, p. 98)

No trecho acima, percebe-se o contraste entre a “época de ouro” da infância e a posterior perda da inocência. Esta transição está ligada ao autoconhecimento e à descoberta do nosso papel no mundo. Para Kathy, isto se relaciona à revelação de sua natureza e de sua função no mundo - a de um clone doador de órgãos para seres humanos doentes. No entanto, há um aspecto simbólico neste descobrimento. Todos nós chegamos a um momento em que nos tornamos conscientes de que a civilização e as suas instituições foram moldadas antes do

nosso nascimento – e, provavelmente, continuarão funcionando após a nossa morte. Portanto, o que resta para a maioria é aceitar as injustiças impostas por este sistema. É interessante ressaltar neste momento um comentário do autor, em uma entrevista sobre a versão cinematográfica, acerca dessa aceitação dos personagens em frente a seus destinos, diferentemente de outros personagens como os protagonistas de *1984*, de George Orwell, e *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, que se voltam contra o sistema. Segundo Ishiguro:

A grande questão, a segunda pergunta sobre por que não escapar, eu sei que esta é provavelmente outra pergunta que um monte de gente faz sobre este filme. Quando publiquei o livro, cerca de cinco anos atrás, muita gente perguntou isso sobre o livro. Eu acho que tenho que assumir a responsabilidade por essa pergunta surgir muito. Nunca me interessei em olhar para aquela história sobre escravos corajosos que se rebelaram e escapam. Bem, eu gosto dessas histórias, eu acho que há muitas dessas histórias, mas sou fascinado, na medida em que as pessoas não fogem. E eu acho que, se você olhar em torno de nós, esse é o fato notável: o quanto aceitamos o que o destino nos deu. Às vezes é apenas passividade, às vezes é simplesmente perspectiva, não temos a perspectiva para pensar em fugir. E, por último, eu suponho que, como sugeri quando respondia a pergunta anterior, eu estava procurando por uma metáfora para como enfrentamos a mortalidade. E nós não podemos escapar disso. Nós não podemos fugir do fato de que só temos uma quantidade limitada de tempo. Tentamos, tentamos contar a nós mesmos histórias, temos a religião, tentamos fazê-lo tendo filhos ou com nossos materiais vivendo mais que nós, mas definitivamente é muito difícil escapar. Então eu não estava querendo olhar para a história de fuga, eu estava querendo ver como nós aceitamos nosso destino. (KAZUO..., 2010)

O trecho acima revela a intenção do autor de examinar como cada pessoa enfrenta o destino de ser humano: a vida acaba. Logo, ele também analisa em seu romance como a pessoa vive com este fato de que não há possibilidade de fuga da finitude. Além disso, ele ilustra como, após a perda da inocência, começamos a buscar significado para a nossa vida: escrevendo, acreditando em deus, dando continuidade à espécie; porém, esses são artifícios para lidar com a falta de controle que temos sobre nossas vidas.

O segundo aspecto importante dos anos de formação dos personagens é a figura paterna dos guardiões. A função primordial destes adultos era, basicamente, manter os estudantes vivos e prepará-los para as futuras doações. No entanto, os guardiões de Hailsham tinham como objetivo também proporcionar uma vida decente aos jovens, tentando provar para a sociedade, apesar do medo que eles sentiam destes novos seres, que eles tinham uma alma e eram humanos. Começa, assim, um jogo de esconde-esconde entre os guardiões e os estudantes, já que os mais velhos não querem revelar a real função dos mais jovens no mundo. Isto fica claro no trecho abaixo:

Desconfio que foi porque mesmo na idade em que estávamos – tínhamos uns nove ou dez anos – já conhecíamos o suficiente sobre o território todo para desconfiar pouco. É muito difícil, agora, lembra quanto sabíamos na época. Com certeza sabíamos – ainda que não com grande profundidade – que éramos diferentes dos nossos guardiões, assim como das pessoas normais que viviam foram de Hailsham;

talvez até soubéssemos que, muito mais à frente, haveria doações a nossa espera. Mas não sabíamos de fato o que isso significava. Se fazíamos questão de evitar certos assuntos, devia ser muito mais porque nos sentíamos *constrangidos* com eles. Detestávamos o jeito como nossos guardiões, em geral tão seguros de tudo, sempre no controle das coisas, ficavam cheios de dedos quando nos aproximávamos desse terreno. Ficávamos perturbados ao vê-los mudar de atitude de forma tão óbvia. (ISHIGURO, 2005, p. 89)

É possível relacionar esta relação guardião-estudante com a relação de pai e filho. Enquanto os pais não se sentem prontos para revelar as regras que coordenam a sociedade, os filhos podem tentar poupá-los da dificuldade ou exigir a verdade deles. Esse duro papel de explicar as regras do jogo acaba sendo de uma das guardiãs, Miss Lucy. O trecho abaixo revela isto:

‘Se ninguém mais quer conversar com vocês’, ela continuou, ‘então converse eu. O problema, eu acho, é que contaram e não contaram para vocês. Contaram, mas nenhum de vocês entendeu de fato, e eu diria que houve quem se desse por satisfeito com essa situação. Mas eu não. Se vocês querem ter uma vida decente, então é preciso que saibam, e que saibam direitinho. Nenhum de vocês irá aos Estados Unidos, nenhum de vocês será ator de cinema. E nenhum de vocês irá trabalhar em supermercados, como ouvi alguns planejando outro dia. Suas vidas já foram mapeadas. Vocês se tornarão adultos e, antes de ficarem velhos, começarão a doar seus órgãos vitais. Foi para isso que vocês foram criados. Vocês não são como os atores que veem nos vídeos, não são nem mesmo como eu. Vocês foram trazidos a esse mundo com um fim, e o futuro de vocês, de todos vocês, já está decidido. De modo que não quero ouvir mais ninguém falando nisso. Daqui a pouco vocês vão embora de Hailsham e não está muito longe o dia em que começarão a se preparar para as primeiras doações. É preciso que tenham isso em mente o tempo todo. Se querem uma vida decente, é preciso que saibam o quem são e o que os espera no futuro. Cada um de vocês.’ (ISHIGURO, 2005, p. 102-103)

Apesar da gravidade da revelação, os alunos não se mostram desolados com ela, mas envergonhados com a situação, deixando-a de lado por não estarem prontos para lidar com a informação. Assim, os alunos continuam sonhando com seus adiamentos e a vida futura fora de Hailsham. Esta esperança e a crença na imprevisibilidade na vida para o melhor estão presentes no nosso discurso. Um exemplo disto é uma famosa citação da tia de John Lennon, que cuidou dele desde a sua infância, para o jovem John: “O violão é muito legal, John, mas você nunca viverá disso” (tradução minha)<sup>2</sup>. É notável a insistência dos mais velhos querer mostrar o que é melhor para os jovens, por acreditarem que sabem como o mundo funciona, assim como essas previsões podem estar extremamente erradas. Logo, há uma tendência dos jovens a acreditar que podem burlar a lógica da vida, lutando contra as adversidades.

“Engraçado”, Tommy me disse quando relembávamos tudo isso, alguns anos atrás. “Nenhum de nós parou para pensar como *ela*, Miss Lucy, se sentia. Nunca nos preocupamos em saber se ela tinha se metido em alguma encrenca por ter dito aquilo para nós. Éramos tão egoístas, na época.”

---

<sup>2</sup> Texto no original: “The guitar's all very well, John, but you'll never make a living at it”

“Mas você não pode pôr a culpa em nós”, falei. “Tínhamos sido ensinados a pensar uns nos outros, mas nunca nos guardiões. A possibilidade de que houvesse divergências entre os guardiões nunca chegou a nos passar pela cabeça.”

“Entretanto tínhamos idade suficiente”, Tommy disse. “Naquela idade, isso *deveria* ter passado pela nossa cabeça. Mas não passou. Em nenhum momento pensamos na pobre da Miss Lucy. Nem mesmo naquela época, você sabe qual, quando você a viu.” (ISHIGURO, 2005, p. 111-112)

Por outro lado, vemos, no trecho acima, também a reflexão de Tommy e Kathy já adultos, quando eles conversam sobre como eles não puderam notar como era difícil a posição de Miss Lucy e dos outros guardiões. Esse movimento de se pôr no lugar dos pais só ocorre na maturidade, devido à experiência pessoal de como a vida funciona. O poema abaixo serve de epígrafe para o próximo tópico de análise.

My heart leaps up when I behold  
A rainbow in the sky:  
So was it when my life began;  
So is it now I am a man;  
So be it when I shall grow old,  
Or let me die!  
The Child is father of the Man;  
I could wish my days to be  
Bound each to each by natural piety.  
(WORDSWORTH, 2005)

O terceiro aspecto a ser analisado é o impacto das experiências infantis no adulto. O poema acima do poeta romântico inglês William Wordsworth influenciou pensadores ao redor do mundo, inclusive o brasileiro Machado de Assis que escreveu um capítulo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* chamado “O menino é o pai do homem”. Posteriormente, a teoria psicanalítica de Sigmund Freud demonstraria melhor como funciona esse desenvolvimento da criança e seus efeitos no homem.

Em *Não me abandone jamais*, o desenvolvimento dos personagens principais ilustra bem essa concepção de que “a criança é o pai do homem”, isto é, que os traços de nossa personalidade e as nossas atitudes quando crianças são determinantes para o adulto que nos tornamos. No trio de protagonistas, é possível destacar a passividade de Kathy, a raiva de Tommy e a atitude manipuladora de Ruth. Começamos exemplificando com um acontecimento entre Tommy e Kathy.

Tommy explodiu um berreiro infernal e os meninos, que já então riam abertamente, começaram a correr na direção do Campo de Esportes Sul, Tommy deu alguns passos atrás do bando – difícil dizer se o instinto lhe dissera para ceder ao ímpeto e sair em perseguição raivosa ou se havia entrado em pânico por ter sido deixado para trás. De um modo ou de outro, estacou logo em seguida e ficou ali fuzilando os jogadores com olhares irados, o rosto escarlate. Depois começou a berrar e xingar – uma barafunda incoerente de palavrões e insultos. (ISHIGURO, 2005, p. 17)

Nesta ocasião, os meninos iriam jogar e decidem escolher Tommy por último na formação de times, apesar de ele era bom em esportes, para irritá-lo. Sendo famoso por seus

ataques de raiva, o previsível acaba acontecendo, o que leva todas a rir e se divertir à custa dele. Esse comportamento se repete até o final da história, sempre que Tommy não aceita determinada situação ou quando as coisas não correm como ele esperava. O trecho abaixo descreve o momento após a descoberta de que não haveria possibilidade de adiamento das doações do casal, Kathy e Tommy, apesar do amor que existia entre eles.

Tentei correr até ele, mas a lama me sugava e prendia meus pés. O barro também o atrapalhava porque, uma vez, quando foi dar um chute, escorregou, caiu e sumiu de vista na escuridão. A saraivada de palavrões desconexos, porém, continuou ininterrupta, e eu o alcancei justamente na hora em que se punha de pé outra vez. Vi de relance seu rosto ao luar, sujo de barro e distorcido de raiva, depois estendi as mãos e imobilizei seus braços. Tommy tentou se desvencilhar, mas continuei segurando firme, até ele parar de gritar e se aquietar. Então percebi que ele me abraçava. E assim permanecemos ambos, na beira de um pasto, durante o que me pareceu um tempo enorme, sem dizer nada, apenas abraçados, enquanto o vento soprava furioso contra nós, puxando nossas roupas, a tal ponto que por alguns momentos parecia que estávamos agarrados um ao outro porque era a única forma de não sermos varridos para dentro da noite. (ISHIGURO, 2005, p. 327)

Já Kathy, expõe sua passividade em frente à vida desde o episódio dos berros de Tommy no campo de esportes. Em um acesso de raiva, Kathy decide ir conversar com Tommy, que acaba a agredindo. Ela se mostra desde então conciliadora, procurando entender que ele não consegue se controlar nessas situações. Este comportamento se repete também ao aceitar que Ruth se intrometa na relação dos dois, seduzindo Tommy, e ao se colocar sempre em último lugar, dedicando-se sempre aos outros, seja no trabalho ou nas amizades.

A postura manipuladora e controladora de Ruth, ressaltada pela narradora, aparece desde sua infância, quando ela esconde a origem de sua caixa de lápis novos, que Kathy descobre que foram comprados nos bazares como todos os pertences dos alunos, para deixar as colegas com inveja.

‘Ah! Onde foi que você arrumou isto? Comprou num Bazar?’

O barulho era grande na sala, mas as meninas mais próximas ouviram, de modo que em pouco tempo já éramos quatro ou cinco admirando o estojo. Ruth ficou alguns instantes calada, examinando com atenção as fisionomias em volta. Por fim disse, muito ponderadamente: ‘Digamos que sim. *Digamos* que consegui isto aqui no Bazar’. Em seguida lançou para todas nós um sorrisinho cheio de segundas intenções. (ISHIGURO, 2005, p. 74)

Portanto, esses comportamentos infantis dos personagens se desdobram em suas atitudes futuras. Foi observado um padrão entre o enredo e alguns aspectos da condição humana, como a idealização da infância, a evasão no passado, a relação com os pais e o impacto das experiências infantis no adulto. Na próxima seção, o foco será na representação importância da criatividade para os personagens.

### 2.3. O PODER DA CRIATIVIDADE

Nesta seção, o foco será em certos aspectos relativos à criatividade. A questão da criatividade é extremamente importante em *Não me abandone jamais*, pois ela é considerada uma forma de diferenciar os seres humanos de outros animais, sendo uma característica essencialmente humana. Logo, neste livro, que discute a existência humana e as suas limitações, o poder da expressão artística é inevitavelmente um ponto central. Segundo Ostrower:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse 'novo', de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. Desde as primeiras culturas, o ser humano surge dotado de um dom singular: mais do que *homo faber*, ser fazedor, o homem é um ser formador. Ele é capaz de estabelecer relacionamentos entre os múltiplos eventos que ocorrem ao redor dele. Relacionando os eventos, ele os configura em sua experiência do viver e lhes dá significado. Nas perguntas que o homem faz ou nas soluções que encontra, ao agir, ao imaginar, ao sonhar, sempre o homem relaciona e forma. (OSTROWER, 2012, p. 9)

Este conceito abrangente do ato criador é a base da discussão sobre criatividade deste trabalho. Primeiramente, observa-se a criação de uma mitologia própria dos estudantes. Há muitos mistérios que rondam a vida destes jovens, logo, eles são levados a criar suas próprias teorias sobre diversos assuntos.

Vivendo isolados em Hailsham, os estudantes criam lendas sobre o mundo exterior: uma acerca da mata e outra acerca de Norfolk. A mata como uma fonte de medo e mistério não é um artifício novo deste livro – os contos de fadas, por exemplo, estão repletos destas referências –, mas isso só contribui para sua função simbólica. A narradora apresenta duas lendas envolvendo a mata, sendo que as duas são altamente metafóricas.

Havia os mais variados tipos de histórias horripilantes sobre a mata. Uma vez, pouco tempo antes de todos nós chegarmos a Hailsham, depois de um tremendo arrancabo com os amiguinhos, um menino fugira de lá. O corpo dele fora encontrado amarrado a uma árvore, com as mãos e os pés decepados. Segundo outros rumores, o fantasma de uma menina vagava por entre as árvores. Ela tinha sido aluna de Hailsham até que um belo dia resolvera escalar a cerca só para ver como era do lado de lá. Isso acontecera muito antes do nosso tempo, numa época em que os guardiões eram bem mais severos, até mesmo cruéis, e quando ela tentara voltar, não deixaram. A menina então passara a rondar a cerca, implorando para que a deixassem voltar, só que ninguém permitiu. No fim, acabou indo para algum lugar, aconteceu alguma coisa e ela morreu. Mas seu fantasma continuou vagando pela mata, olhando comprido para Hailsham, morrendo de vontade de voltar. (ISHIGRO, 2005, p. 66-67)

As duas lendas representam o futuro de crianças que fugiram. A primeira demonstra o destino daqueles que tentam fugir e são capturados. O menino tem membros decepados, o que

se relaciona com as doações para as quais os clones estão destinados. A mensagem é: se houver tentativa de fuga, você será capturado e fará as doações da mesma forma. A segunda lenda é sobre a menina que foge e se arrepende, tentando voltar para o casarão sem ser aceita. Esta lenda reforça a mensagem da primeira: se houver uma fuga, não haverá perdão, o seu futuro será incerto. Aquilo que une as duas narrativas contadas pelos alunos é a noção de que os fatos ocorreram em um período anterior, sem nenhuma precisão, o que contribui com a aura de mistério, assim como costuma acontecer com as nossas lendas – desde a *Ilíada* até as lendas urbanas.

Os guardiões sempre nos asseguravam que essas histórias eram todas uma grande bobagem. Mas aí vinham os alunos mais velhos dizer que aquilo era justamente o que os guardiões tinham dito para eles, quando eram novinhos, e que saberíamos a verdade horrenda muito em breve, assim como tinha acontecido com eles. A mata excitava ao máximo nossa imaginação principalmente depois que escurecia, nos dormitórios, enquanto tentávamos pegar no sono. A gente quase chegava a pensar que escutava o barulho do vento nos galhos, e falar sobre o assunto parecia piorar ainda mais as coisas. (ISHIGURO, 2005, p. 67)

No trecho acima, a atitude dos guardiões quanto a essas lendas está descrita. A ação de negar, mas não explicar fortalece essas lendas, pois o mistério em relação ao mundo exterior permanece. Essas histórias são passadas, então, por meio da oralidade de geração para geração, com a função de advertir os estudantes dos perigos da vida fora de Hailsham. Desse modo, elas acabam sendo úteis para os guardiões, ajudando-os a manter o *status quo*.

Enquanto a mata representa o horripilante do mundo exterior, o condado de Norfolk representa o lado idílico deste mundo. Essa visão começa porque, durante as aulas sobre os condados ingleses, não havia fotos de Norfolk, que é descrito como “um recanto perdido do país”, pois se encontra em um lugar isolado no mapa, não sendo caminho nem para o norte nem para o sul. Assim, como os estudantes chamavam também de “Recanto” o local onde ficavam os “achados e perdidos” de Hailsham, cria-se a lenda de que os objetos perdidos vão parar lá. Logo, Norfolk é uma espécie de terra da fantasia, onde era possível encontrar aquilo que foi perdido. Portanto, a mata e Norfolk são representações do desconhecido, do bem e do mal, e as lendas criadas sobre ele dizem respeito à tendência humana de interpretar o mundo, criar histórias e contá-las.

Outro aspecto do romance envolvendo criatividade é o forte incentivo à produção artística e a maneira como isso se desdobra para estudantes e guardiões. Para os estudantes, a arte é uma forma de se expressar, assim como uma maneira de interagir com os colegas, comprando e vendendo as suas produções; para os guardiões, uma forma de provar que os clones têm alma.

A produção artística funciona como uma atividade natural para a maioria dos estudantes, isto é, eles a aceitam e não a questionam. A arte é usada como uma forma de destacar-se de duas formas: os alunos com obras – poemas, desenhos, pinturas, etc – consideradas interessantes recebem dos guardiões mais vales para ‘comprar’ as obras dos colegas em bazares trimestrais chamados Permutas, assim como ‘vendem’ mais; as obras realmente especiais são selecionadas pelos guardiões e recolhidas por Madame, uma colecionadora misteriosa de seus trabalhos.

No entanto, há estudantes que não se sentem à vontade com este sistema de produção artística, Tommy, por exemplo, é visto como estranho pelos colegas por não conseguir se encaixar. Esta situação persiste até o momento em que Miss Lucy, uma guardiã, decide conversar com ele e explicar que “Era errado, da parte de qualquer pessoa, aluno ou guardião, puni-lo por isso, ou pressioná-lo dessa ou daquela forma. Simplesmente não era culpa dele” (ISHIGURO, 2005, p. 39). Revela-se, desse modo, a artificialidade da necessidade de produzir arte. Tommy e Kathy, sua confidente, descobrem que há uma controvérsia a respeito do assunto quando Miss Lucy é demitida.

Apesar da revelação de Miss Lucy, Tommy continua sem se sentir à vontade com sua relação com a arte. Quando um casal, já no Casario, conta sobre a possibilidade de haver adiamentos de doações caso duas pessoas estejam realmente apaixonadas, Tommy crê ter encontrado o objetivo dos trabalhos guardados na Galeria:

‘O que eu acho é o seguinte. Suponha que seja verdade isso que os veteranos estão dizendo. Suponha que *haja* algumas disposições especiais para os alunos de Hailsham. Suponha que duas pessoas possam mesmo dizer que estão realmente apaixonadas e que desejam um tempo extra para ficarem juntas. Pois bem, Kath, nesse caso, tem de haver um jeito de avaliar se essas duas pessoas estão de fato falando a verdade. De ver se o que elas dizem não é só para adiar as doações. Percebe que seria muito difícil decidir isso? Ou, então, um casal que acha que está superapaixonado, mas no fundo é só atração sexual. Ou apaixonite passageira. Entende o que estou querendo dizer, Kath? Seria difícil julgar e provavelmente é impossível acertar todas as vezes. Mas seja quem for que decide, Madame ou outra pessoa qualquer, o fato é que *ela precisa de algo em que se basear.*’ (ISHIGURO, 2005, p. 215)

Assim, Tommy começa a desenhar e a aprimorar seus desenhos incansavelmente, com o intuito de ter uma obra que “revele a sua alma”. Somente anos depois, quando ele e Kathy se reencontram como doador e cuidadora, eles têm a chance de viver um grande amor, decidindo, então, procurar Madame e pedir um adiamento. Infelizmente, o encontro com Madame, cujo nome é Marie-Claude, e com Miss Emily não corresponde à expectativa deles.

‘Por que nós levávamos os trabalhos artísticos de vocês embora? Por que fazíamos isso? Você falou uma coisa bem interessante agora há pouco, Tommy. Quando estava conversando com a Maria-Claude. Você disse que era porque a arte revelaria como vocês eram. Como vocês eram por dentro. Foi isso que você disse, não foi?’

Bem, pois saiba que não está muito distante da verdade. Nós levávamos seus trabalhos porque achávamos que eles revelariam a alma de vocês. Ou, para esclarecer melhor a questão, fazíamos isso para *provar que vocês tinham uma alma.*' (ISHIGURO, 2005, p. 311)

Portanto, neste reencontro é revelado o significado da arte dos estudantes para os guardiões. Para eles, essa era uma luta política a fim de provar para a sociedade que os clones eram também humanos e sensíveis. No entanto, esta tentativa falha, pois o medo dos clones, que poderiam até mesmo superar os humanos normais pelos aprimoramentos genéticos, supera a vontade da população de lhes garantir uma existência digna. Com isso, Hailsham é fechada, e os clones são limitados à sua função utilitária de doar órgãos.

Mas por que a arte é escolhida como “prova” de humanidade? Começando com as pinturas rupestres de 40.000 a.C., a história da arte acompanhou as mudanças e os avanços da humanidade. A arte continuamente se renova, englobando mais áreas, por exemplo, a fotografia e o cinema, e permanecendo relevante para a auto-expressão e para a comunicação. A criatividade e a capacidade de se expressar artisticamente são vistas, então, pelos guardiões como uma forma de mostrar que os clones eram humanos, apesar de terem sido criados artificialmente.

No prefácio de *O retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde afirma que “Toda arte é inútil” (tradução minha)<sup>3</sup>, insistindo na ideia de que o fim da obra de arte é a beleza, porém, a produção e a apreciação da arte podem ser maneiras dos sujeitos encontrarem sentido em suas vidas. Em *Não me abandone jamais*, o poder da criatividade não é o de mudar o mundo, já que os personagens não conseguem um adiamento por meio da arte, nem os guardiões garantem uma existência mais digna aos clones por meio dela; mas o de dar esperança às pessoas. Assim, usando a criatividade podemos tentar compreender e interpretar o mundo à nossa volta, como os personagens fazem criando a suas histórias e lendas. Por fim, a arte funciona como uma maneira de sentir-se pertencente à humanidade.

#### 2.4. A REVOLTA E A ACEITAÇÃO

Nesta seção, o enfoque será no modo como os personagens lidam com a mortalidade e com a aceitação do seu destino, relacionando estes fatores com a condição humana. Um aspecto importante de *Não me abandone jamais* é que cada um dos personagens principais lida com a morte de uma determinada maneira, portanto, começaremos com a análise do

---

<sup>3</sup> Texto no original: “All art is quite useless”

desenvolvimento de Kathy, Ruth e Tommy, passando depois para uma comparação entre seus comportamentos e a forma como as pessoas lidam com a morte.

Tommy é sempre visto como um estranho pelos colegas, já que ele demonstra uma incapacidade de aceitar a “vida como ela é” com sua dificuldade em se encaixar e com seus ataques de raiva. Além disso, Tommy, com a ajuda de Kathy, está sempre procurando uma explicação e um sentido nas atividades que seus colegas fazem automaticamente, como podemos perceber na sua busca pela importância da produção artística. Pode-se afirmar que Tommy representa o lado questionador do ser humano. Ele não se conforma em viver a vida de forma automatizada, mas ao mesmo tempo não tem perspectiva para fugir deste caminho. O resultado disso é a sua raiva e a sua insatisfação com o desenlace do seu destino, o que pode ser observado no trecho após o encontro de Tommy e Kathy com Madame e Miss Emily, durante o qual ele tem um ataque, seguido por uma conversa com Kathy.

‘Eu estava pensando sobre aquela época, em Hailsham, quando você pirava e a gente não conseguia entender. Não conseguia entender como é que alguém podia ficar daquele jeito. E eu estava aqui pensando, foi só uma ideia, mais nada. Estava aqui pensando que talvez, quem sabe, você ficava daquele jeito porque de alguma forma, em algum nível de consciência, você sabia. Sempre soube.’ (ISHIGURO, 2005, p. 328)

Kathy comenta com Tommy que talvez seu problema fosse sempre ter tido consciência do seu destino, de ser clone e morrer jovem, sem ter possibilidade de mudá-lo. Isso representa a nossa dificuldade em estar consciente da falta de controle sobre a nossa existência e, mesmo assim, viver normalmente. Paradoxalmente, precisamos de certa forma “esquecer” a nossa mortalidade e o pouco poder que temos em reger nossas vidas, a fim de agir de uma forma aceitável e esperada pela sociedade.

A postura de Ruth em relação a sua impotência diante do seu destino e a inevitabilidade da morte se difere da postura de Tommy, pois ela procura acima de tudo se encaixar nos papéis que as pessoas lhe dão. Desse modo, Ruth não costuma se questionar sobre a sua existência, mas aceitá-la. Isso não significa que ela não tenha lapsos de autoconsciência; um deles é durante a procura por seu possível – um termo usado para descrever a possível pessoa que deu origem a cada um dos clones –, e na posterior decepção por notar que a mulher que trabalhava em um escritório, como Ruth sempre sonhou, não era realmente parecida com ela.

‘Todos nós sabemos. Nós somos modelados da *escória*. Viciados, prostitutas, alcoólatras, vagabundos. Presidiários, quem sabe, desde que não sejam tarados. É daí que a gente vem. Todos nós sabemos disso, então por que não dizemos com todas as letras? Uma mulher como aquela? Imaginem. É, tá bem, Tommy. Só uma diversão, mais nada. Vamos nos divertir um pouco, então, fingindo. Aquela outra mulher lá, a amiga, a velha na galeria. Estudantes de *arte*, foi isso que ela achou que

nós éramos. Vocês acham que ela teria falado conosco como ela falou se ela soubesse o que somos de fato? O que vocês acham que ela teria dito se porventura tivéssemos perguntado: ‘Com licença, mas a senhora acha que a sua amiga algum dia serviu de modelo para um clone?’. Ela nos teria posto de lá pra fora. Nós sabemos, portanto seria melhor se disséssemos isso às claras. Se alguém quiser procurar seu possível, e se quiser fazer isso do jeito certo, então o negócio é procurar na sarjeta. Dentro das latas de lixo. Dentro da privada, porque é nesses lugares que estão as pessoas de quem nós viemos.’ (ISHIGURO, 2005, p. 203)

Assim, nota-se que Ruth prefere viver sem se questionar muito pela dificuldade de lidar com a realidade que ela conhece mas nega. Portanto, Ruth representa a parte do homem que tem consciência do aspecto trágico e fatalista de sua vida, porém tenta esquecê-lo pela maior parte do tempo para poder viver em paz consigo mesmo.

Outro ponto importante acerca de Ruth é a sua busca pelo perdão de Kathy e Tommy antes de sua morte. Ela tenta desfazer seu grande erro de separá-los para poder morrer sem culpa. A maneira que ela encontra é lhes dar o endereço de Madame, para que eles possam pedir um adiamento.

‘Porque sim. Eu gostaria que você me perdoasse, mas não tenho grandes esperanças. Bom, mas de todo modo, isso não é nem a metade, nem uma lasca minúscula da história toda. O principal é que eu afastei vocês um do outro’. A voz tinha baixado de novo até sair quase num sussurro. ‘Isso foi a pior coisa que eu fiz.’ (ISHIGURO, 2005, p. 278)

Por último, Kathy lida com esses mesmos problemas de uma forma distinta. Enquanto Tommy se revolta, e Ruth oscila entre negação e revolta, Kathy parece aceitar seu destino passivamente. Já que ela não tem controle sobre seu futuro, ela se volta para seu passado, buscando em suas memórias um sentido ou uma reflexão sobre o sentido de sua vida e a de seus amigos.

No entanto, apesar dessa passividade superficial, que ela demonstra sempre culpando Ruth pelo rumo de sua vida e nunca admitindo ser parcialmente responsável por não ficado com Tommy, Kathy tem uma postura ativa quando decide escrever as suas memórias. Além de se voltar para o passado para compreender sua própria existência, Kathy quer compartilhá-la. Em vários momentos a narradora se dirige ao leitor, que seria um clone como ela, pois há sempre uma espécie de proximidade e de busca por compreensão. Logo, podemos pensar que a maneira de Kathy de reagir contra a falta de poder sobre a sua própria vida é escrever, pois assim ela pode manter suas lembranças vivas e atingir outros doadores ou até mesmo os humanos que recebem doações. No trecho abaixo, temos parte de uma conversa entre Kathy e Tommy, logo antes de ele pedir que ela não fosse mais sua cuidadora.

‘Você sabe o porquê disso, Kath, por que todo mundo se preocupa tanto com a quarta? É porque ninguém tem certeza se vai mesmo concluir ou não. Se vocês soubessem com absoluta certeza que iria concluir, seria bem mais fácil. Mas eles nunca garantem nada para a gente.’

Eu já tinha me perguntado, algumas vezes, se esse assunto viria à baila, e estivera pensando de que forma responder. Porém, quando ele veio, não achei muito o que dizer. Por isso falei apenas: ‘É só um monte de bobagem, Tommy. Só conversa, conversa fiada. Não vale nem a pena pensar nisso’.

Tommy entretanto devia saber que eu não tinha nada em que apoiar minhas palavras. Assim como também devia saber que estava levantando questões para as quais nem mesmo os médicos possuíam respostas certas. Você já deve ter ouvido a mesma conversa. Falam que às vezes, depois da quarta doação, ainda que você esteja tecnicamente concluído, continua consciente de alguma forma; e que então descobre que há muitas outras doações, um monte delas, a fazer do outro lado da linha; que não existem mais centros de recuperação, cuidadores ou amigos; que não sobra mais nada a não ser assistir às doações restantes até eles desligarem você. É coisa de filme de horror e na maior parte do tempo as pessoas não querem nem pensar a respeito. Nem os médicos, nem os cuidadores – em geral tampouco os doadores. Mas de vez em quando um doador toca no assunto, como fez Tommy naquele fim de tarde, e, pensando agora, teria sido muito melhor se tivéssemos conversado a respeito. Entretanto, depois de eu ter dito que era tudo uma grande bobagem, ambos recuamos daquele território pantanoso. Mas ao menos, depois daquela breve conversa, eu soube o que ele andava pensando e fiquei contente que confiasse em mim a tal ponto. O que estou tentando dizer é que, tudo somado, eu tinha a impressão de que estávamos lidando com a quarta doação até que bastante bem, os dois juntos, e foi por esse motivo que quase caí de quatro quando ele se saiu com aquilo, na manhã em que fomos fazer uma caminhada. (ISHIGURO, 2005, p. 333)

Como Kathy se dirige a um interlocutor impessoal em vários momentos no livro, podemos pressupor que a narradora está contando a sua história para que essa seja lida. Se a narradora espera que haja um leitor e que a sua experiência seja compartilhada, isto pode ser visto como uma forma de permanecer viva naquelas páginas. No entanto, ao falar sobre a morte com Tommy, ela afirma que preocupações acerca desse tema são bobagens. Logo, podemos notar uma mudança de postura, um distanciamento da sua passividade costumeira para uma aproximação com o desassossego perto da morte e das suas doações, período em que a história é escrita.

Portanto, cada personagem tem seus mecanismos para lidar – ou não – com a morte. Mas como que isso nos ajuda a pensar na forma lidamos com a morte na atualidade? Como vimos ao longo do trabalho, a experiência de vida dos clones se assemelha muito à nossa. Quando jovens, eles têm as suas figuras paternas, estudam para se preparar para o futuro, se apaixonam e criam laços de amizades. Na maturidade, trabalham e aprendem a aceitar as instituições, no seu caso, o sistema de “cuidado” e doação. Enquanto isso, os humanos da obra se diferem de nós.

Os clones têm que viver com a ideia de uma morte inesperada e inevitável. Como Tommy menciona na conversa com Kathy, há uma incerteza acerca do momento em que se morre, pois até depois da quarta doação os médicos podem deixar os aparelhos ligados. Para Kathy, isso é uma história de terror: pessoas mexendo em seu corpo sem que você possa fazer

nada a respeito. Porém, isso é uma realidade em um mundo em que podemos deixar pessoas ligadas a máquinas vivendo em estado de coma.

Outro ponto em relação à falta de controle que temos sobre a morte é a imprecisão sobre quando morreremos. Os clones vivem na dúvida se voltarão da primeira, da segunda ou da terceira doação, pois ninguém sabe precisar como eles reagirão às cirurgias. São misteriosas assim as doenças e as curas para nós também, já que, apesar dos avanços da ciência, um médico não tem o poder de afirmar o destino de um paciente.

A única certeza que todos podem ter, então, é a da inevitabilidade da morte. Mesmo que haja crenças criadas pelo homem prometendo uma vida posterior – como a crença de Tommy de que o amor pode adiar a morte –, a morte continua sendo uma parte inevitável da vida na Terra. A não aceitação deste aspecto da existência aparece na raiva de Tommy e na necessidade de Kathy de registrar a sua história. Isto é levado ao extremo pelos humanos do livro com a criação de clones para prolongar suas vidas com doações de órgãos.

Inicialmente, pode parecer estranho que os clones não tentem escapar de seu destino, tentando viver uma vida comum em outro lugar, porém essa é uma forma de mostrar como não costumamos tentar fugir de nossos próprios destinos. Aqueles que tentam mudar a lógica da vida são os humanos do livro, que criam um sistema de clonagem questionável para escapar da morte, permanecendo, apesar de todos os esforços, mortais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou expandir as interpretações feitas a respeito do romance *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro. Como havia muitas especulações presentes em resenhas de jornal quanto ao gênero literário da obra, classificando-a como ficção científica, romance de formação, romance distópico, romance especulativo; procurou-se aumentar esta discussão abrindo uma outra possibilidade: a do romance alegórico.

A alegoria faz parte da tradição da literatura inglesa desde a época do nascimento do romance com *As viagens de Gulliver*, de Swift. Além disso, a leitura alegórica é uma maneira de desvendar a estrutura profunda das obras, isto é, de procurar entender os temas que inicialmente podem nos causar estranhamento, porém estão mais próximos da nossa realidade do que imaginávamos. Desse modo, em *Não me abandone jamais*, aquilo que poderia ser entendido concretamente como uma discussão sobre clonagem de seres humanos, sob a lente de alegoria se torna uma discussão sobre a finitude humana e como cada um de nós lida com a perspectiva da própria morte.

Outro ponto importante para este trabalho foi a busca pela relação entre a literatura e a vida. O objetivo foi aproximar o texto literário e as nossas vivências, ao contrário de insistir no que há de diferente entre a obra em questão e a condição humana – o que pode ser notado na versão fílmica de *Não me abandone jamais*, que apresenta cenas chocantes da degradação dos personagens, por exemplo, algo que não ocorre no livro.

Os temas analisados foram: impacto dos anos de formação, o poder da criatividade e a inevitabilidade da morte. Em cada seção, foi feita uma comparação entre o relato de Kathy sobre sua vida como um clone e a experiência humana. Desse modo, foi possível analisar o quanto o romance fala sobre humanos quando fala sobre clones.

Portanto, espero que a leitura alegórica realizada neste trabalho funcione como uma nova possibilidade de interpretação de *Não me abandone jamais*, assim como estimule a leitura desse autor contemporâneo. Além disso, insisto na ideia de que literatura não precisa estar distante da vida, pois ela é uma das melhores maneiras de refletir sobre a condição humana e o nosso lugar no mundo em relação ao outro.

## REFERÊNCIAS

- ISHIGURO, Kazuo. **Não me abandone jamais**. Tradução Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ISHIGURO, Kazuo. Author Statement. **British Council Literature**: Reino Unido, s.d. Disponível em: <<http://literature.britishcouncil.org/kazuo-ishiguro>> Acesso em: 19 de dezembro de 2012
- KAZUO Ishiguro discusses his intention behind writing the novel, Never Let me Go. Los Angeles: Film Independent, 2010. <<http://www.youtube.com/watch?v=jCB59pPG7k>> Acesso em: 19 de dezembro de 2012
- KOTHE, Flávio R.. **A Alegoria**. 1ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- LLOSA, Mario Vargas. **A verdade das mentiras**. Tradução de Cordelia Magalhães. 3ª edição. São Paulo: ARX, 2007.
- LODGE, David. **A Arte da Ficção**. Tradução de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- MCCAFFERY, Larry. A Conversation with David Foster Wallace. In: **The Review of Contemporary Fiction**. Champaign, Summer 1993, Vol. 13.2. Disponível em <<http://www.dalkeyarchive.com/book/?fa=customcontent&GCOI=15647100621780&extrafile=A09F8296-B0D0-B086-B6A350F4F59FD1F7.html>> Acesso em 20 de dezembro de 2012.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 25ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.
- WORDSWORTH, William. **Poems In Two Volumes, Vol. 2**. In: Project Gutenberg. Setembro, 2005. Disponível em <<http://www.gutenberg.org/cache/epub/8824/pg8824.html>> acesso em 21 de dezembro de 2012.

## ANEXOS

### ANEXO A – Transcrição da entrevista de Kazuo Ishiguro ao Film Independent

“Well, as far as the novel was concerned, I have to say, Phillip K. Dick hasn’t been an influence. I’m sure, I know he is a very great writer, but I never read him. I have to be honest, I mean, my aim was always, as far as the novel was concerned, to tell a story really about how love and friendship fitted into people’s lives, particularly as they start to realize that time is short and that mortality was a fact. I was always looking for that, A kind of a metaphor, if you like, for human existence, for human condition, the fact that our existence is limited. And so I was always looking for that. What you might call the sci-fi speculative surface of the story was almost like the last thing, it was the last piece of a jigsaw. It was almost like a device to make the thing work, to create this world that seems very strange and distant initially but then, hopefully, you know, the reader, the audience will start to actually recognize it as their own story, that was the idea. Inevitably then, having chosen this kind of disturbing world, it starts to raise all these issues about biotechnology, perhaps about organ donation, that is fine with me, it’s probably fine with everybody else, but I’m not really sure if that is at the heart of what we were trying to do. I think we were trying to tell a story about love/friendship in the face of the bleak fact that we are mortal. I don’t know how other people feel about that but that was my position when I was writing the novel.

The big question, the second question about why don’t they escape, I know that this is probably another question a lot of people ask about this movie. When I published the book, about five years ago, a lot of people asked that about the book. I guess I have to take responsibility for this question coming up a lot. I was never interested in looking at that story about brave slaves who rebelled and escaped. Well, I like those stories, I think there are many of these stories but I’m fascinated to the extent in which people don’t run away. And I think that, if you look around us, that is the remarkable fact: how much to accept what fate has given us. Sometimes it’s just passivity, sometimes it’s just simply perspective, we don’t have the perspective to think about running away. And, ultimately, I suppose, as I suggested when I was asked the earlier question, I was looking for a metaphor for how we face mortality. And we can’t really escape from that. We can’t escape the fact that we’ve only got a limited amount of time. We try, we try to tell ourselves stories, we have religion, we try to do it with children or with our chipboards outliving us, but ultimately it’s very difficult to escape. So I wasn’t wanting to look at a story about escape, I was wanting to look at how we accept our fate.”

## ANEXO B – Tradução da transcrição da entrevista de Kazuo Ishiguro ao Film Independent

“Bem, no que diz respeito ao romance, eu tenho que dizer, Phillip K. Dick não foi uma influência. Eu tenho certeza, eu sei que ele é um grande escritor muito, mas eu nunca o li. Eu tenho que ser sincero, quero dizer, o meu objectivo foi sempre, o que diz respeito ao romance, contar uma história sobre como o amor e a amizade se encaixam na vida das pessoas, na verdade, principalmente quando eles começam a perceber que o tempo é curto e que a mortalidade era um fato. Eu estava sempre procurando por isso, uma espécie de metáfora, se quiser, para a existência humana, para a condição humana, o fato de que nossa existência é limitada. E então eu estava sempre procurando por isso. O que você poderia chamar de superfície sci-fi especulativa da história era quase como a última coisa, era a última peça de um quebra-cabeças. Era quase como um dispositivo para fazer a coisa funcionar, para criar este mundo que parece muito estranho e distante inicialmente, mas depois, quem sabe, sabe, o leitor, os espectadores vão começar a realmente reconhecê-la como sua própria história, essa era a idéia. Inevitavelmente, em seguida, depois de ter escolhido este tipo de mundo perturbador, ele começa a levantar todas estas questões sobre biotecnologia, talvez sobre doação de órgãos, que é ok para mim, é, provavelmente, ok para todo mundo, mas eu não tenho certeza se esse é o centro do que estávamos tentando fazer. Eu acho que nós estávamos tentando contar uma história sobre o amor / amizade em face do fato desolador de que somos mortais. Eu não sei como as outras pessoas se sentem sobre isso, mas essa foi a minha posição quando eu estava escrevendo o romance.

A grande questão, a segunda pergunta sobre por que não escapar, eu sei que esta é provavelmente outra pergunta que um monte de gente faz sobre este filme. Quando publiquei o livro, cerca de cinco anos atrás, muita gente perguntou isso sobre o livro. Eu acho que tenho que assumir a responsabilidade por essa pergunta surgir muito. Nunca me interessei em olhar para aquela história sobre escravos corajosos que se rebelaram e escapam. Bem, eu gosto dessas histórias, eu acho que há muitas dessas histórias, mas sou fascinado, na medida em que as pessoas não fogem. E eu acho que, se você olhar em torno de nós, esse é o fato notável: o quanto aceitamos o que o destino nos deu. Às vezes é apenas passividade, às vezes é simplesmente perspectiva, não temos a perspectiva para pensar em fugir. E, por último, eu suponho que, como sugeri quando respondia a pergunta anterior, eu estava procurando por uma metáfora para como enfrentamos a mortalidade. E nós não podemos escapar disso. Nós não podemos fugir do fato de que só temos uma quantidade limitada de tempo. Tentamos, tentamos contar a nós mesmos histórias, temos a religião, tentamos fazê-lo tendo filhos ou com nossos materiais vivendo mais que nós, mas definitivamente é muito difícil escapar. Então eu não estava querendo olhar para a história de fuga, eu estava querendo ver como nós aceitamos nosso destino.”